



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O amanhecer dum genio

POR
J. F. S. — Desenhos de A. CASTANHE

O sacristão da velha igreja de Inspruck, na Austria, encontrava-se repousando no compartimento reservado a sua moradia, visto ser bastante tarde, quando foi despertado pelo barulho de carruagens que pararam junto do templo.

O bom homem deu-se pressa em abrir a porta, verificando que os visitantes eram, além duma menina muito distinta, vários oficiais da Côte e o bispo.

Todos estes personagens percorreram, cuidadosamente, a catedral, admirando as suas riquezas e património artístico. A menina não cessava de elogiar a belêsa de tudo quanto via, escutada pelos companheiros com muita reverência e atenção.

Repentinamente, écoaram na igreja sons melódiosos vindos do côro onde se encontrava o órgão. A música era bela e cheia de harmonia. Todos ficaram como que petrificados, ouvindo, em extase, uma tão encantadora melodia, quasi celestial.

— Oh! mas é simplesmente admirável! — exclamou a jovem senhora.

— Quem é o artista de tanta inspiração e talento? — perguntou o bispo, dirigindo-se ao sacristão.

— Ignoro-o, monsenhor, mas vou sabê-lo. E deixando o prelado suspenso de admiração pela imprevista resposta, o sacristão galgou as escadas que conduziam ao côro, trazendo, pouco depois, pela mão, um rapazinho de seis anos.

— Aqui está o artista, que encontrei sentado ao órgão — disse o bom homem colocando o pequenito entre a senhora e os outros visitantes.

— Pois ereis vós quem tocava com tanto sentimento e perfeição? — pergunta a menina, manifestando a maior simpatia.

- Sim, minha senhora, era eu...
- Que autôr interpretava?
- Eu mesmo, senhora.
- Vós? — exclamaram, à uma, todos os presentes, mal cabendo em si, de admirados.
- Compuz o trecho na ocasião em que tocava. Todo o dia meditei nele...
- Como conseguiu entrar? — inquire, por sua vez, o porteiro, receoso de ser repreendido pelo

(Continúa na pág. 4)



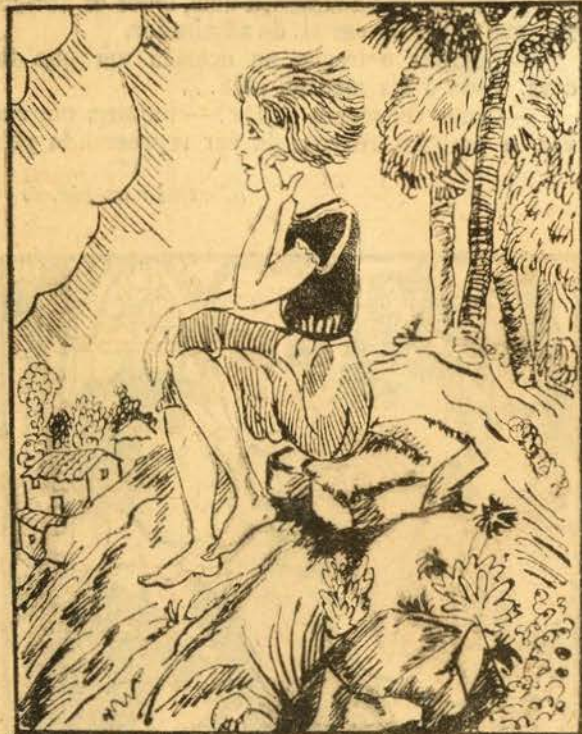
ISABEL

(CONTO PARÁBOLA) por JULIO ALBERTO GUERREIRO (da SÉRIE B)

ISABEL podia ser feliz; mas aquela ambição louca, desmedida, que acalentava desde pequena, de sede do ouro que abrazava todo o seu ser, de grandeza e de luxo, que a seduziam, é que a tornara assim tão infeliz, apesar de nova, como rosa separada da haste antes de desabrochada por completo, levando-a a considerar-se a mulher mais desditosa desde que Eva fora, por Jehovah, expulsa do Paraíso.

Tendo aprendido a ler e vivido no campo, isto é, numa pequena e risonha aldeia, natural seria que constituísse família no meio em que nascera. Nada disso aconteceu, porém. Chegada à idade em que a mulher olha, com mais atenção, para o espelho, comendo, aqui, um cabelo rebelde ao penteado, frizando, acolá, uma madeixa e ensaiando um sorriso, ela, vaidosa por índole e tomando para si, mais do que as outras, uma petulante importância, acariciou, naquele cérebrozinho tão atrofiado, doentio, quanto o corpo era são e rosado, a ambição dum futuro cheio do ouro que avilta, cheio do luxo que, tornando belo o corpo, embota, contudo, a alma.

Com esta insensata idéia arreigada no seu fraco espirito, Isabel desprezava as suas amigas de igual condição, evitava as condiscipulas e até chegava (medital no quanto pôde uma idéia insensata!) a aborrecer, senão a odiar, os entes que lhe haviam dado o ser! — pelo crime de serem pobres! E causava arrepios vê-la sentada, sózinha, entre os pinhais, sobre alguma fraga do monte, situada ao cimo da sua alva casinha, de cabelos soltos ao vento, lábios túmidos, ardentes de febre, olhos muito abertos, imóveis, fixos num ponto que ela não via, felinos, de fisionomia dura, selvagem, dominada, naqueles momentos de meditação e de sonho, por uma única idéia: — a sede do ouro!



Algum habitante da aldeiazita que, naqueles momentos, casualmente passasse por ali, não reconheceria, por certo, naquela rapariga de feições duras, de olhos animados dum brilho estranho, perversos, a rapariga que, anos atrás (de cravo entalado entre os lábios finos, rubros como coral, ou de rosa pregada na blusa, ia, alegre, feliz, correspondendo ao cumprimento deste, sorrindo a



uma graça daquele, deixando ver os dentinhos bem feitos, duma alvura de inocência), mungir as vaquinhas, que eram o unico ganha-pão de seus pais: naquela, via-se a expressão dura, cruel; nesta, a meiga expressão da bondade. Naquela, adivinhava-se constantemente alguma intenção oculta; nesta, a risonha franqueza. Naquela, patenteava-se uma secreta tristeza; nesta, uma franca alegria.

Como podia parecer a mesma rapariga meiga, franca, alegre, feliz, se, presentemente, se encontrava dominada, até ao íntimo da alma, por um pensamento doentio?

E', pois, fácil calcular a alegria de Isabel, quando os pais lhe disseram que um primo, há muito residente no Brasil e bastante rico, regressava para casar com ela.



Passado algum tempo, já casada com o primo, por exigência de Isabel, foram viver para Lisboa. Aqui, contentou-se, a princípio, em frequentar, sómente, os cinemas e teatros; depois, quiz frequentar a sociedade.

Inútil se torna, por óbvia, a narração das cómicas e humilhantes peripécias sucedidas a Isabel.

Imagine o leitor — se me é permitido este paralelo — um pardal entre rouxinóis; mesmo assim, teria, talvez, de pedir ao pardal que me relevasse esta ousada comparação, pois a falsa situação em que Isabel se colocara era, sem dúvida, ainda mais ridícula.

Amando a esposa, o marido sofria, em silêncio, os vexames a que ela o expunha constantemente; esta, não percebendo ou fingindo não perceber a sua ridícula atitude (quanto pôde o orgulho feminino!), continuava, porém, frequentando a sociedade. Mas nem todos, felizmente, se curvam ante o ouro: e foi por isto que alguns — infelizmente, poucos — por meio de ironias finas, mas mordazes, fizeram compreender a Isabel a sua ridícula posição, obrigando-a a abandonar a sociedade, que tanto desejara, para ir acolher-se, novamente, ao meio que desprezara, onde nascera e onde (já dela!) havia de morrer.

Sentada na mesma fraga onde, um ano atrás, gestara a funesta ambição que a tortura, agora, de cabelos revoltos pelo vento, fisionomia amargurada, faces lívidas, fustigadas pelo norte, Isabel compreende, mas tarde, que

ORGULHO DA RAÇA

POR ARGENTINITA — Série C



“**M**EU avôzinho: que lindo
E' o mar!...” Disse, sorrindo,
Um garotito engraçado,
A um bondoso velhinho
Que, no seu lindo netinho,
Revivia o seu passado...

Muito juntinho, enlaçados,
Estavam ambos sentados
Numa linda, e grande praia,
Olhando as ondas distantes
A desfazer-se, arrogantes,
Numa espuma de cambraia.

Nisto, o velhinho, abraçando
A criancinha, e fitando
O seu olhar sorridente,
Numa vozita de reza,
De profunda emoção presa,
Murmurou-lhe, docemente:

Este mar, meu Luísito,
Que tu achas tão bonito,
Cobriu-se de lusa fama
Quando, outrora, abriu caminho
A's conquistas, meu netinho,
Do imortal Vasco da Gama!

Deves olhar, com carinho,
Esta terra, meu filhinho,
Que foi seu berço natal;
Sines!... Cobriu-se de glória
E hoje revive na história
Dêste lindo Portugal!

Repara numa casinha
Que fica ao mar, fronteirinha,
Orgulho dêste torrão!



Ali o Gama nasceu
E sua infância viveu
Numa nobre aspiração!...

Os feitos da nossa História,
Que levaram à Vitória
Nosso querido Portugal,
Lembra na hora que passa,
Num justo orgulho da Raça,
De rutilante Ideal!

.....
— Bem hajas, qu'rido Velhinho,
Que inspiraste a teu netinho
O santo orgulho da Raça!
Sejas sempre lembrado!
E, teu nome abençoado
Em bênçãos cheias de Graça!

■ F I M ■

não é no ouro, no luxo, que se encontra a felicidade, o respeito de todos, mas sim no — saber!

E, todos os dias, ela vai sentar-se naquela fraga, atraída pela mesma força oculta que coage o criminoso a visitar, de novo, o lugar do seu crime, para chorar as suas ilusões, para sempre despedaçadas, enquanto os pinheiros, agitados pela ventania, gemem a sua monótona canção, talvez indiferentes à sua dor, talvez, num misto de compaixão, de censura, de desprezo.

Isabel, Isabel! Porque cuidaste, somente, da matéria e não pensaste na essência?!

F I M

Entre aqueles que se deram ao trabalho de lêr este conto — melhor diria, talvez, parábola — há, sem dúvida, quem, forçado, é claro, pela consciência, pense:

— «Tem graça, é o meu puro retrato, esta Isabel!»

E', pois, a estes que me dirijo, ousando altear a voz para lhes dar dois conselhos:

Aos que, julgando ver a sua imagem em Isabel e que não tenham, ainda, cometido o erro dela, aconselho-lhes, para seu bem, que, de novo, me leiam com atenção.

Aos que cometeram, porém, o erro de Isabel, que tenham, ao menos, o valor de sofrer as suas mágoas em silêncio.

Se alcançar isto, darei por bem empregado o tempo gasto em escrever este conto.



O AMANHECER DUM GÊNIO

(Continuação da pág. 1)

bispo, por negligência no serviço. Depois, dirigindo-se aos presentes, explicou: Ao principio da tarde, este menino veio pedir-me que lhe abrisse a porta da igreja, a-fim-de tocar no órgão. Recusei, não obstante trazer uma ordem escrita, pois passara a hora da entrada dos visitantes vulgares.

Não percebo, pois...

— E' facil perceber — atalhou a criança. — Depois da recusa, fiquei uns momentos sentado nos degraus da escada, e, como vi entrar estes senhores, entrei também, confundindo-me com eles, e esgueirei-me até ao órgão para satisfazer o meu grande desejo.

— E' um verdadeiro génio precoce — afirmou a senhora, e voltando-se para o pequeno artista, indagou:

— O vosso nome?

— Wolfgang...

— Espero vê-lo em Viana...

— Como poderei encontrá-la, minha senhora?

— Facilmente — elucidou, rindo, a menina. —

Procurai-me na côrte. Sou Maria Antonieta, filha do imperador da Austria, Francisco I.

A arquiduchessa saíu com a comitiva, e Wolfgang, depois de beijar-lhe a mão com um sorriso todo infantil, voltou para o órgão, compondo outro trecho admirável.

De facto, o pequeno compositor, na companhia de seu pai e sua irmã (com 11 anos, também artista), deu memoráveis concertos na Côrte de Francisco I, e depois em Munich, Linz, França, Inglaterra, Hoianda e Itália.

O seu nome era conhecidíssimo e a sua fama aumentava cada vez mais.

Estando em Paris, saíu certo dia duma reunião de admiradores do seu talento, onde tocara algu-

mas das suas melhores composições. Um grupo de rapazes, viu-o sobraçando o violino, e admirados da sua pouca idade começaram a troçá-lo.

— Para que queres o instrumento, ó fedelho? — dizia um, escarninho.

— Larga o violino do papá — chasqueava outro.

— Vai aprender a ler, pretencioso...

Wolfgang prosseguia o caminho sem dar resposta aos motejadores. Mas o grupo crescia e com ele as troças e os ditos. A's crianças juntaram-se bastantes adultos.

Sentindo-se ferido no seu amôr-próprio, o pequeno compositor estacou, e, pondo o violino em posição, executou uma melodia. Aos primeiros acordes, os espectadores não ligaram grande importância, mas, depois, sentiram-se empolgados. Ouviram maravilhados, no meio dum religioso silêncio.

Quando Wolfgang deu por finda a partitura, ouviu-se uma trovoadade de palmas.

Os garotos, envergonhados das humilhações inflingidas ao pequeno artista, romperam em entusiásticas aclamações, acabando por levá-lo em triunfo até sua casa.

Esta primeira manifestação popular dispensada ao grande génio, não podia ser mais eloquente nem mais sincera.

Quási não seria preciso dizer quem foi, na história da música, esse rapazinho; todos o conhecem: Mozart, o mestre sem igual, que, no decorrer duma aliás pequena existência — faleceu a 5 de Dezembro de 1791, com 36 anos — compôs nada

LENDA por Clotilde Sousa Santos

DA SERIE C

Desenhos de A. CASTANÊ

Era no tempo da guerra,
Entre cristãos e islamitas,
Ardiam, de vale em serra,
As igrejas e as mesquitas.

No seu castelo rouqueiro,
No seu alcácer rial,
Vivia um rei-cavaleiro
E trovador provençal.

Mas o que de melhor tinha
Na corte o rei d'Aragão
Era a bela infantazinha
De bondoso coração.

Por onde a linda princesa
Passava, nasciam rosas
Nas encostas escabrosas
Da montanha aragonêsa.

Era a princesa mais bela
Que nas Espanhas havia,
Quer em Leão ou Castela,
Portugal, Andaluzia...

A's vezes a princezinha
Visitava, em romaria,
Uma branca capelinha
Que em alto monte se erguia.



Nunca as silvas da verêda
Seu alvo manto prendiam,
Nem os seus chapins de seda
Nos espinhos se rompiam.

Saíam, quando passava,
As feras dos seus covis;
Ela a todas atagava
Com as suas mãos gentis.

E' que a formosa princesa,
Com suas mãos milagrosas,
Amanisa toda a braveza,
E as pedras converte em rosas.

Da bonita infanta vòã,
Aquém, além Pirineus,
A fama de linda e bòa
Como os anjinhos de Deus.

(Continua na pág. 8)

menos de 626 obras, sendo considerado o mais célebre pianista da sua época.

Trabalhou, incansavelmente, até à morte. Ele próprio compoz, poucos dias antes de baixar à sepultura, a missa que serviu aos seus funerais.

Amigo devotado dos pais e da irmã, por eles velava com grande ternura. Tinha uma bondade natural que cativava toda a gente e o tornava querido. Modesto até ao extremo, nunca os seus triunfos alteraram as suas boas qualidades de carácter.

Era de nacionalidade alemã, sendo seu nome completo Wolfgang Amadeu Mozart.

Nota da Redacção: — Este conto biográfico do nosso prezado colaborador J. F. S. — (José Fontana da Silveira) — encontrava-se já em nosso poder quando publicámos o conto focando a mesma personalidade histórica, embora sôb uma diversa modalidade de forma e de têmea.

Para que se não julgue que foi por este sugerido, apraz-nos fazer esta declaração, em abono da verdade e pela especial consideração que nos merece o autor.



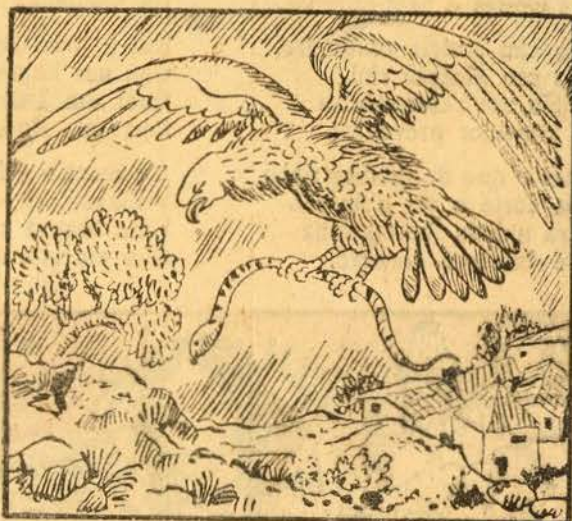
FABULA

Por JULIO ALBERTO GUERREIRO
(DA SÉRIE B)

A NDAVA certa cobra, esfomeada,
mui diligente, toda atarefada,
percorrendo, de lés a lés, o mato,
à caça dum pardal
ou dum pequeno rato,
que fôsse, nêsse dia, seu sustento.
Fazendo, enfim, andava pela vida!

Mas, por seu triste mal,
não caçara ainda nada;
embora, arrelhada,
caminhasse à procura de comida,
mato fóra, ligeira como o vento,
sem um queixume, sem um desalento.

Então, a Providência,
em justa recompensa
de tanta persistência,
à faminta depara, sem detença,
ao sol, por entre as ervas, estendido,
um coelho a dormir desprevenido,
o qual a cobra, acto contínuo, come.



Agora, já saciada, morta a fome,
põe-se a cobra a dormir
esquecendo o Porvir.

Entretanto um milhafre, ao dar com a estouvada
assim tão descansada,
dum só vôo, a arrebatada
para longe, onde a mata,
deixando-a, após, cair lá duma altura enorme.

Dêste modo, mostrou a justa Sorte:
— Quem alcança um triunfo e depois dorme,
Acaba, quási sempre, às mãos da Morte.

■ F I M ■

C H A R A D A S

Qual é o alimento que, lido às avéssas, é o mesmo alimento? (2 sílabas).

Qual é país da Ásia, que sem as duas últimas sílabas, é pedra? (4 sílabas).

Qual é a parte do corpo que, trocada a inicial, é capital dum país da Europa? (2 sílabas).

Qual é a pedra preciosa formada pela veste religiosa e por uma nota musical? (3 sílabas).

Qual é a fruta brasileira que está nos vestidos? (2 sílabas).

Qual é a nota musical que anda no espaço? (1 sílaba).

No masculino narro, no feminino enfeito. (2 sílabas).

Qual é o mês que sem a inicial, é paladar? (3 sílabas).

Transformação PARA OS MENINOS COLORIREM



Este bebê nos dias em que sai o «Pim-Pam-Pum» está assim: Vejam como está nos outros dias, voltando a gravura.



Adivinha

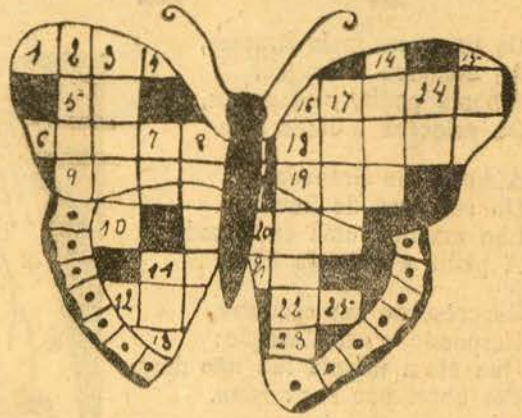


ONDE ESTA O RATO!

PALAVRAS CRUZADAS

Verticais - 1, vogal; 2, luz proveniente da lua; 3, encerrar; 4, vogal; 5, consoante; 7, contração francesa; 8, líquidos obtidos da gordura de certos animais ou de frutos vegetais; 11, tempo do verbo doer; 12, consoante; 13, vogal; 16, choradeira; 17, composição musical para uma só voz; 14, instrumento de defesa ou ataque; 15, casa; 24, tempo do verbo ir; 20, tempo do verbo rir; 25, consoante.

Horizontais - 1, parte imortal do ser humano; 5, grito de dor; 6, soberano do Egipto; 9, nome de pessoa; 10, consoante; 11, nota musical; 12, ermos solitários; 13, vogal; 14, vogal; 15, consoante; 16, primeiro estado do insecto que sai do ovo; 18, prover de armas; 19, que dá mios; 20, via ladeada de casas; 21, caminhar; 22, pronome pessoal francês; 23, vogal.



L I Ç Ã O D E D E S E N H O



COMO SE DESENHA UM RATINHO



L E N D A

Os príncipes mais famosos,
Ao monarca d'Aragão,
Vinham pedir, pressurosos,
Da princesa a linda mão.

Até o rei de Granada,
Do seu paço de Sevilha,
Lhe mandou uma embaixada
A pedir a mão da filha.

Surpreso do que escutava,
Responde o rei d'Aragão:
Que ele a infanta lhe não dava,
Por el-rei não ser cristão.

Moço altaneiro e garboso
Era el-rei d'Andaluzia;
Mas, ficando furioso...
Deixou de usar cortezia.

Preparou uma embuscada
Para roubá-la, num dia
Em que, só e descuidada,
A princesa ao monte iria.

Espreitando a gentil presa,
Os cobardes infieis
Lá vão atrás da princesa
Nos seus árabes corceis.

Sobem o monte as falanges
Dos guerreiros mussulmanos,
Gestos feros, deshumanos,
Brandindo os curvos alfanges.

(Continuação da pag. 5)



A princesa amedrontada,
Erguendo os olhos aos céus,
Disse com voz maguada:
Acudi, amigos meus!

A' chamada maviosa,
Saíram dos seus covis,
Com pressa vertiginosa,
Ursos, lobos, javalis...

Eram tantos, tantos, tantos
Da princezinha, em redor!
Ninguém pode saber quantos!
Foi milagre? E' de supôr!

Parou a hoste, hesitante,
Ouvindo estranhos ruidos;
Era um concerto ululante
D'uivos, roncos e rugidos!

A princesa está guardada,
Ninguém lhe pode chegar,
El-rei mouro de Granada
Teve de se retirar.

Quem era esta infantazinha
De encanto celestial?
Isabel — santa e rainha
Das terras de Portugal!

F I M